

# O USO DE CONTOS DE FADAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E TRADUÇÃO

## THE USE OF FAIRY TALES IN THE TEACHING OF ENGLISH LANGUAGE FOR CHILDREN: AESTHETIC EXPERIENCE AND TRANSLATION

SANTOS, Evaldo Gondim dos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho, fruto de discussões realizadas no Grupo de Estudos da Tradução – GET/DL/Campus de Pau dos Ferros/UERN – visa apresentar uma experiência de ensino de língua inglesa para crianças a partir das experiências estéticas criadas durante a leitura de contos de fadas clássicos e suas traduções criativas em cursos ofertados para crianças no Projeto de Extensão: “Inglês para Crianças na Comunidade” – DL/Campus de Pau dos Ferros/UERN. Tomando como ponto de partida o conceito de experiência estética, advinda da filosofia de Jacques Rancière (2010, 2000) e de Deleuze e Guatarri (1997), e de tradução como exercício de recriação em autores tais como Rodriguês (2000) e Arrojo (1997), buscamos demonstrar como as crianças, com o acompanhamento dos monitores do referido projeto, criam novos sensorio espaços-temporais a partir da leitura de versões distintas dos contos *The Story of Puss in Boots*, de Charles Perrault, e *Bremontown Musician*, dos irmãos Grimm. Para tanto, elaboramos atividades que levassem as crianças a ler e recriar esses contos. Além disso, é importante ressaltar que também acompanhamos a execução de tais atividades em sala de aula para relatarmos essa vivência. A análise que realizamos dessas atividades desempenhadas pelas crianças demonstra a desterritorialização dos elementos recorrentes dos textos de origem a partir de uma experiência singular, caracterizado por movimentos de feições cartográficas que levam em conta os fluxos descontínuos das experiências de leitura não centradas na moralidade contidas nos clássicos infantis.

**PALAVRAS CHAVE** – Ensino de língua inglesa, literatura infantil, experiência estética, tradução como recriação.

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Letras/Campus de Pau dos Ferros/Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará e membro do Grupo em Estudos da Tradução, cadastrado no CNPq. E-mail: evaldogondim@uern.br.

## ABSTRACT

The present work, result of discussions carried out by Grupo de Estudos da Tradução - GET/Letters Department/Pau dos Ferros Campus/Rio Grande do Norte State University, aims at presenting an experience of teaching English to children from aesthetics experiences created during reading classic fairy tales and their creative translation in courses offered for children in the Extension Project Inglês para Crianças na Comunidade – Letters Department/Pau dos Ferros Campus/Rio Grande do Norte State University. Taking as starting point the concept of aesthetics experience, coming from the philosophy of Jacques Rancière (2010, 2000) and Deleuze and Guattari (1997), and translation as an exercise of recreating in authors such as Rodrigues (2000) and Arrojo (1997), we seek to demonstrate how children, with observation of monitors of that project, create new space-time sensorio from reading of different versions of the tales *Puss in Boots* by Charles Perrault, and *Bremontown Musician* by Brothers Grimm. For this purpose, we developed activities that could lead children to read and recreate these fairy tales. Moreover, it is important to remark that we accompanied the completion of such activities in classroom to report those experiences. The analysis that we carried out of those activities at classroom by children reveals the deterritorialization of recurrent elements of the source text from a singular experience, characterized by movements of cartographic features that take place into account discontinuous flows of reading experiences not centered on the morality contained in classic fairy tales.

Keywords: Teaching English language; Children's literature; Aesthetic experience, Translation as recreation.

## Introdução

O Projeto de Extensão “Inglês para Crianças na Comunidade” oferta desde 2003 cursos de inglês para crianças dos quartos e quintos anos oriundas de escolas públicas das cidades do Alto Oeste Potiguar (RN) e Vale do Jaguaribe (CE), através de um trabalho que é articulado com os alunos do Curso de Letras/Habilitação Língua Inglesa e Respectivas Literaturas – Departamento de Letras/Campus de Pau dos Ferros/UERN.

Nesse projeto sempre buscamos criar ferramentas pedagógicas que façam com que as crianças aprendam a língua inglesa de forma interativa. Nesse sentido, atualmente estamos trabalhando com narrativas infantis literárias e cinematográficas nos cursos “Inglês para Crianças através de Narrativas I” e “Inglês para Crianças através de Narrativas II”; o que nos leva a trabalhar com narrativas é o fato de elas serem motivastes, isto é, as crianças sentem-se à vontade para ler uma história ou assistir um filme infantil quando um ambiente propício é criado. Assim sendo, as atividades que utilizamos em sala de aula se espelham em um processo de escolarização que faz com as crianças participem de forma ativa, lendo os textos de acordo com suas capacidades cognitivas.

Dessa maneira, no presente artigo apresentamos uma experiência de ensino de língua inglesa para crianças no referido projeto que se alicerça nos conceitos de experiência estética contemporânea e tradução como recriação. Para tanto, tratamos teoricamente da questão da experiência estética na literatura infantil para depois analisarmos a vivência que experienciamos em sala de aula durante a leitura e tradução dos contos *Bremontown Musicians* e *The Story of Puss in Boots*, nos dois semestres de 2010 e primeiro semestre de 2011.

## Literatura infantil, experiência estética e tradução

Através da leitura dos clássicos infantis as crianças têm acesso a experiências de modos de vida pré-estabelecidas pela sociedade burguesa que se filia a um projeto pedagógico de caráter utilitarista. Sendo assim, a literatura infantil já em seu berço em pleno século XVII é desmembrada da qualidade artística atribuída a obras canônicas, passando a uma condição de minoridade<sup>2</sup>, desvalorizada para fins propriamente artísticos.

A literatura infantil, portanto, nasce de reconhecidas necessidades de um leitor infantil pela sociedade burguesa, de imposições de um código moral vigente com intenções primordialmente pedagógicas. Por isso, um

2 Para Deleuze (1992), uma literatura menor está intimamente relacionada a um devir-minoritário, tracejando linhas de fuga através da linguagem e possibilitando a invenção de novas forças.

dos pré-requisitos para a transposição dos contos de fadas da literatura oral para a literatura infantil era a higienização das histórias, a supressão de aspectos considerados inadequados para as crianças (LYONS, 2000).

Diante do exposto, podemos afirmar que a literatura infantil é chamada de clássica com sua moral a cada conto; possui uma pré-formatação que a impede de agenciar fluxos, intensidades de forma espontânea, pois, sendo estratificada e possuindo um centro, é impedida de criar experiências estéticas por falta de um espaço liso para a passagem de substâncias que ainda não ganhou corpo.

Para que a criança tenha uma experiência singular durante a leitura de contos infantis é necessário que ela possa deslizar pelo enredo de forma a agenciar acontecimentos de maneira inusitada. Ela tem através do texto literário a oportunidade de constituir experiências mesmo que esteticamente. Contudo, essa experiência torna-se realidade quando a criança passa a ir além do que está no texto literário infantil tradicional, com seus polos de estratificação. É nesse momento que ela passa a experienciar as conexões existentes no texto, a vê-lo como um território<sup>3</sup>, a ir a “unidade real mínima” que é o agenciamento<sup>4</sup>.

Essa possibilidade de criar novos agenciamentos artísticos surge a partir da recriação das obras infantis canônicas, já que como qualquer território estratificado tais obras já possuem pontas de desterritorialização, linhas de fugas que nada mais são que aberturas que permitem a criação de novos espaços-tempos. Essa é uma saída da literatura infantil por intermédio dela mesma, levando em conta seu próprio lado de fora, fora que não está noutro lugar, mas nela mesma, que são as chamadas pontas de desterritorialização já presentes no próprio território. Com relação à saída ou fuga, Zourabichvili (2004, p. 30) aponta que ela

é entendida nos dois sentidos da palavra: perder estanquidade ou sua clausura; esquivar, escapar. Se fugir é fazer fugir, é porque a fuga não consiste em sair da situação para ir embora, mudar de vida, evadir-se pelo sonho ou ainda transformar a situação (este último caso é mais complexo, pois fazer a situação fugir implica obrigatoriamente uma redistribuição dos possíveis que desemboca – salvo repressão obtusa – numa transformação ao menos parcial, perfeitamente improgramável, ligada à imprevisível criação de novos espaços-tempos, de agenciamentos institucionais inéditos; em todo caso, o problema está na fuga, no percurso de um processo desejante, não na transformação cujo resultado só valerá, por sua vez, por suas linhas de fuga, e assim por diante). Portanto, trata-se de fato de uma saída, mas esta é paradoxal.

Essa fuga é uma linha a ser tracejada que busca a partir de devires novos caminhos, porém essa caminhada pode nos levar as perigosas trilhas dos antigos lugares antes territorializados. Assim sendo, deveremos ter cuidado ao se desterritorializar, ao tentar liberar as pontas de desterritorialização.

Baseado no que Guattari chama de paradigma ético-estético, as desterritorializações devem ser produzidas por intermédio de modos artísticos peculiares que fissuram regimes dominantes e modelos tradicionais, atualizando outras durações, outras possibilidades de vivência que estão relacionadas

3 “a noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar; pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 323).

4 “A unidade mínima não é a palavra, a idéia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, principalmente porque eles não se referem aos sujeitos como sujeitos do enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, as populações, as multiplicidades, os territórios, os devires, os afetos, os acontecimentos. O nome próprio não designa um sujeito mas qualquer coisa que se passa, pelo menos entre dois termos que não são sujeitos, mas agentes, elementos. [...] As estruturas estão ligadas às condições de homogeneidade mas não os agenciamentos. O agenciamento é o co-funcionamento, é a “simpatia”, a simbiose” (DELEUZE, PARNET, 1998, p.65).

a uma escolha ética em favor da riqueza do possível, uma ética e uma política do virtual que descorporifica, desterritorializa a contingência, a causalidade linear, o peso do estado de coisas e das significações que nos assediam. Uma escolha da processualidade, da irreversibilidade e da re-singularização. (GUATTARI, 1992, p. 42.).

Em outras palavras, na literatura infantil o espaço para criação deve ser pensando a partir de critérios éticos. Ou seja, não é ético para ninguém conseguir benefício através do sofrimento e até mesmo da morte do outro, mesmo que esse outro seja apresentado como um ser maligno como a figura do ogro, do monstro, do animal traíçoeiro. À criança não deve ser negada a espontaneidade, tida como componente que causa a perversão humana, porém deve ser trabalhado de forma criativa como algo que faça com que a criança desenvolva sua capacidade de criar eticamente e de pensar eticamente nas escolhas feitas pela sociedade, em suas ações e costumes tidos como comuns e naturalizados.

Sendo assim, no processo de desterritorialização da literatura infantil, seja através da recriação ou recontagem de contos, a criança tem a oportunidade de experienciar novos modos de ser esteticamente, visto que a literatura infantil como qualquer artefato artístico configura *sensorio* espaços-temporais que determinam modos de ser (RANCIÈRE, 2005). De acordo com a Rancière (2010, p. 79),

a ficção designa arranjo dos eventos, mas também designa a relação entre um mundo referencial e mundos alternativos. Isso não é uma questão de relação entre o real e o imaginário. Isso é uma questão de uma distribuição de capacidade de experiência sensorial.

Nesse sentido, a criança passa a agir por intermédio da releitura, questionando os elementos recorrentes de contos infantis de uma maneira não pré-determinada, uma vez que pode atravessar livremente essa literatura de uma maneira que não desconsidere sua infância, sentindo-se a vontade para criar mundos alternativos que leve em conta seu experienciar.

## O uso do conto infantil no Projeto de Extensão “Inglês para Crianças na Comunidade”

O uso do texto literário no ensino de língua inglesa nos cursos para crianças ofertados pelo Projeto de Extensão “Inglês para Crianças na Comunidade” toma por base um processo de escolarização que promova uma leitura centralizada nas maneiras dos alunos conceberem o mundo. Dito de outra forma, através do texto literário as crianças podem experienciar esteticamente outras maneiras de ser por intermédio da criação de *sensorio* espaços-temporais estabelecidos pela ativação de atos comunicativos, uma vez que o texto literário é uma estrutura dialógica capaz de promover práticas comunicativas. Assim sendo, as atividades elaboradas explorando contos infantis para as aulas nos cursos desse projeto buscam fazer com que as crianças leiam da forma mais natural possível contos infantis não simplificados escritos em língua inglesa.

Diante do exposto, passamos a apresentar nossas experiências com o uso dos contos infantis *The Story of Puss in Boots* e *Bremontown Musicians*<sup>5</sup> no ensino de língua inglesa para crianças no referido projeto, fazendo comentários das leituras, recriações e recontagens desses contos.

Para a leitura desses contos, elaboramos atividades que fizessem com que as crianças se envolvessem na leitura desses textos de forma prazerosa. Para um primeiro contato com as narrativas, criamos situações que as levassem a fazer predições do enredo das histórias e depois incentivamos as crianças a recriar as particularidades das narrativas como seus personagens, as intrigas e as ações.

5 Os contos *The Story of Puss in Boots* e *Bremontown Musicians* baixados de sítios confiáveis na internet são recriações que seguem as peculiaridades dos contos infantis originais, escritos, respectivamente, por Charles Perrault e Os Irmãos Grimm. A extensão dos textos e suas ilustrações foram os componentes que nos motivaram a escolhê-los.

Em um primeiro momento, propusemos que as crianças criassem uma história em par para o conto a ser lido, observando as ilustrações contidas no texto, a partir da seguinte sugestão de predição:

### Quadro 1: Atividade de predição

#### A. Prediction

- I. Observe as ilustrações, procurando adivinhar o enredo do conto.
- II. Conte para seus colegas o que você tentou adivinhar.

Era uma vez...

Fonte: Atividade Reading and Retelling elaborada pela equipe do referido projeto

Ao participar da execução dessa atividade de forma ativa, as crianças foram convidadas a interagir com o texto, construindo sentidos por meio de suas experiências e conhecimentos de mundo. Elas criaram várias versões do conto infantil proposto para leitura pelos monitores dos cursos, as quais foram complementadas à medida que contaram para os demais colegas e, de certa forma, predizendo o enredo do texto, como por exemplo, que no conto *Bremontown Musicians* um burro encontra um cachorro, um gato e um galo numa estrada e depois dão um susto num bando de ladrões para ficarem morando na casa onde eles estavam.

Num segundo momento, partindo para leituras dos textos propriamente ditos, procuramos fazer com que as crianças realizassem leituras de compreensão geral dos textos. Nessa etapa de leitura, nosso objetivo era exatamente fazer com que as crianças lessem os textos a partir da localização de palavras cognatas e repetidas e substantivos próprios. Assim sendo, nossa proposta de atividade foi a apresentada logo abaixo:

### Quadro 2: Atividade de compreensão geral

#### B. General comprehension

- I. Formem grupos de três alunos para a execução das etapas abaixo:
  - a) Sublinhem, no texto, as palavras cognatas, circulem as palavras repetidas e escreva as palavras que vocês conhecem.
  - b) Discutam a respeito das palavras cognatas, das palavras repetidas e das palavras que vocês conhecem para o entendimento do texto.
  - c) Agora vocês estão preparados para responder com mais fundamentação a seguinte pergunta: de que se trata a história?

Fonte: Atividade Reading and Retelling elaborada pela equipe do referido projeto

Já em um terceiro momento, incentivamos as crianças a buscarem informações específicas nos contos. Com essa finalidade, sugerimos, por exemplo, que elas procurassem os nomes dos personagens no conto *Bremontown Musicians* e respondessem algumas questões a respeito das ações presentes nos enredos do conto *The Story of Puss in Boots*, como apresentamos nos quadros a seguir:

### Quadro 3: Atividade de compreensão específica

#### C. Scanning

- a) Ligue os tipos de animal a seus respectivos nomes:

ANIMALS	NAMES
Dog	Songe
Rooster	Chanter
Donkey	Belemente Chanticleer
Cat	Anciano

Fonte: Atividade Reading and Retelling elaborada pela equipe do referido projeto

#### Quadro 4: Atividade de compreensão específica

##### C. Scanning

- a) Como foi a repartição dos bens do moleiro?
- b) O que o gato pediu a seu dono?
- c) O que o gato deu ao rei?
- d) Por que o gato pediu a seu mestre para se banhar no rio?
- e) O que o gato fez com o ogro?

Fonte: Atividade Reading and Retelling elaborada pela equipe do referido projeto

Durante as leituras desses contos, as crianças foram estimuladas a questionar os principais elementos dos contos, tais como constituição dos personagens e organização dos enredos, buscando percebê-los como territórios sedimentados por linhas duras. Ou seja, discutindo eticamente as ações dos personagens, viram que os contos implicitamente reforçam certas moralidades próprias a uma sociedade que valoriza bens materiais em detrimento de modos de vida não predatórios.

Nesse sentido, os alunos perceberam que em *Bremontown Musicians* os animais se comportam como as pessoas que são exploradas por aqueles que detêm o poder, os bens materiais e culturais. Eles lutam para continuar vivendo, mas só conseguem tal façanha se afastando do convívio social e conseguindo astutamente uma casa para morar. Ou seja, eles conseguem bens para sobreviver e dar início a uma vida mais tranqüila. Já em *The Story of Puss in Boots*, um gato, munindo-se de astúcias, faz com que seu mestre ascenda à nobreza. Nesse caso, quem está à mercê do acaso pode se dar bem na vida. Em outras palavras, o burguês pode se tornar superior ao nobre, pois pode ter uma vida social de alto nível através da tentativa de se adequar a exigências sociais estabelecidas.

Após a leitura dos contos apresentamos como foram trabalhadas as traduções criativas<sup>6</sup> nos cursos ofertados pelo referido projeto. Essas traduções foram realizadas a partir das linhas de fugas, pontas de desterritorializações já presentes nos contos explorados em sala de aula. Essas recriações foram iniciadas a partir da proposta de atividades apresentadas a seguir:

#### Quadro 5: Atividade de recontagem

##### D. Retelling the tale

Em par, esboce o conto que você acabou de ler em inglês de forma escrita para depois apresentá-lo oralmente para seus colegas. Porém, antes de começar a esboçá-lo combine com seu colega como irá apresentar os personagens. Pense nas seguintes questões que poderão nortear a recriação:

- Eles irão se comportar de maneira diferente?
- Irão fazer outras coisas?
- O que eles irão fazer é interessante?

Fonte: Atividade Reading and Retelling elaborada pela equipe do referido projeto

Como podemos claramente perceber a proposta das recriações é um movimento delineado pelo ritornelo<sup>7</sup>. Ou seja, elas começam com as linhas de fuga presentes nos territórios estratificados dos contos lidos e buscam novas terras através da desterritorialização dos elementos recorrentes desses contos.

<sup>6</sup> Aqui chamamos de traduções criativas, as recriações ou recontagens dos contos.

<sup>7</sup> Para Deleuze e Guattari (2002), o ritornelo, conceito criado a partir da música para pensar as conexões e as retomadas constantes observadas na arte, nos possibilita ver a arte como algo que retorna, mas que se torna diferente pela repetição ao criar singularidades. Dessa forma, podemos afirmar que o ritornelo explora de modo especial forças criativas, contendo uma potência, uma sensação de ressonância, uma presença que surge e escapa, um outro quadro de relações.

Dessa maneira, as crianças foram incentivadas a recriar os personagens e suas ações por intermédio de um processo tradutório<sup>8</sup> cuja exigência principal, de acordo com Arrojo (1997, p. 78), é “a capacidade de confrontar [...] duas línguas e duas culturas diferentes, esse confronto é sempre único, já que as variáveis são imprevisíveis”. As traduções foram realizadas levando-se em conta os conhecimentos linguísticos e de mundo das crianças, bem como as diversas maneiras em que os personagens poderiam agir de forma criativa e ética.

Ao longo das traduções apresentadas pelas crianças oralmente, percebemos que elas recriaram os personagens e suas ações a partir de linhas de fuga. Em outras palavras, elas foram estimuladas pelos monitores a questionar as características e ações dos personagens. Assim sendo, os contos foram recriados de várias maneiras, ganhando novas versões, como podemos ver a seguir.

Em *Bremontown Musicians*, os animais não foram abandonados por seus donos, mas foram expulsos das fazendas em virtude de seus donos perderem as fazendas ou morrerem; os ladrões eram pessoas que tinham se apossado indevidamente, através de falcatruas, das terras de um fazendeiro ou dos filhos de um fazendeiro que tinha morrido; os ladrões eram presos fugitivos que tinham se apossado de uma casa de fazenda que ficara abandonada por algumas semanas devido à morte de seu dono ou porque seu dono estava doente na cidade.

Já o conto *The Story of Puss in Boots* foi mais bem recriado devido às particulares dos personagens e suas ações, bem como pelo conhecimento linguístico e de mundo das crianças. Dessa maneira, o gato não tinha tanta habilidade para pegar os animais em armadilhas; as armadilhas não foram colocadas pelo gato, mas por um servo de seu mestre; o gato apenas acompanhou o servo na captura dos animais; o gato foi usado como um cão de caça pelo servo de seu dono para pegar os animais, fazendo uso da violência e agilidade felina; as botas foram colocadas em seus pés pelo seu dono; o gato usava botas porque tinha um problema nos pés; o rei aceitou os presentes que o Marquês de Carabás enviou por estar passando por problemas financeiros; o rei aceitou os presentes que o Marquês de Carabás enviou porque gostava dele; o casamento entre o Marquês de Carabás e a filha do rei foi um casamento real como qualquer outro; o Marquês de Carabás e a filha do rei se casaram porque se conheciam desde crianças; o Marquês de Carabás ganhou esse título após herdar as terras de um velho ogro que gostava muito dele; o ogro vendeu as suas terras para o Marquês de Carabás para montar um circo.

As recriações orais foram feitas várias vezes pelas crianças, pois sempre havia questionamentos das versões criadas em sala de aula. Esses questionamentos são resultantes das pontas de desterritorialização, eles não contêm um início ou um fim, estão sempre no meio, sendo arquitetados por movimentos próprios à criação. Dito de outra forma, são linhas de fuga que criam blocos de sensações infantis na literatura. Segundo Deleuze e Guattari (1997), essas linhas se definem pelos pontos que conectam ou pelos pontos que as constituem. Nesse sentido, sempre é possível desterritorializar, criar novas terras, criar passagens, territórios existenciais.

## Conclusão

O uso do texto literário no ensino de língua inglesa nos cursos para crianças ofertados pelo Projeto de Extensão “Inglês para Crianças na Comunidade” está alicerçado em um processo de escolarização que promove uma maneira de ler e reescrever as narrativas infantis tradicionais de acordo com as maneiras de ser das crianças. Maneiras estas que atualizam outras durações que estão, por conseguintes, relacionadas ao que Guattari (1992) chama de paradigma ético-estético. Em outras palavras, as traduções criativas dos contos de fadas que buscamos fazer com as crianças

---

<sup>8</sup> A tradução no presente trabalho é compreendida como sendo um outro texto, “um processo de escolha, uma atividade interpretativa, em que o linguístico se associa ao contextual em sentido amplo, incluindo o histórico e o social” (RODRIGUÉS, 2000, p. 213).

são amparadas numa política do virtual, que descorporifica os territórios sedimentados pelos valores predatórios da sociedade capitalista em favor de valores éticos que afirmem a vida do ser humano na terra. Além disso, buscando uma forma de interpretação que vincule o estético com o ético, uma vez que através da arte podemos delinear sensorio espaços-temporais que valorize a criação de modos de ser que leve o homem a se reconciliar com o si mesmo e com o meio em que vive.

Assim sendo, as crianças são levadas a questionar os valores contidos nas entrelinhas de narrativas que valorizem maneiras de ser das classes privilegiadas. Elas são levadas a ver os elementos recorrentes dessas narrativas a partir da busca do estabelecimento de territórios ficcionais que criam maneiras de ser e perceber o mundo de acordo com os valores burgueses pré-estabelecidos que alicerçaram a sociedade capitalista atual.

## REFERÊNCIAS

ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro. Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. V.3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34. 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolíticas: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

LYONS, M. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALO, G.; CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 2002. p. 165-202.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: Eixo Experimental/Editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_, J. O efeito de realidade e a política de ficção. Tradução de Carolina Santos. In: *Novos Estudos*. n. 86. p. 75-90, mar. 2010.

RODRIGUÊS, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: UNESP, 2000.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: IC, 2004.